

Expansão acima de 5%

DEFENDE ECONOMISTA NORTE-AMERICANO

O Brasil precisa romper a barreira do crescimento econômico de 4% a 5% ao ano, caso contrário não conseguirá melhorar a sua distribuição de renda, que continua tão ruim quanto a existente em 1971, época na qual só não era pior que a da África do Sul. Para romper essa barreira, o País tem de acabar com o déficit público e elevar a poupança interna. O nível de investimentos do Brasil deve subir dos atuais 16,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para cerca de 25%, taxa que já conheceu na década de 70.

Isto foi o que disse ontem o professor norte-americano de economia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, Albert Fishlow, que orientou doutorados de muitos economistas que chegam ao poder na América Latina — entre eles, o do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Ele fez ontem uma palestra na Universidade Cândido Mendes, no centro do Rio de Janeiro.

Fishlow pode ser considerado a

antítese do também economista norte-americano Rudiger Dornbusch: desde o lançamento do Real, tem feito declarações garantindo que a estabilização vai dar certo. No final de 1994, por exemplo, assegurou à revista Times que a inflação brasileira em 1995 não passaria de 15% — e acertou.

A curto prazo, ele afirma que o crescimento econômico continuado acima de 4% pode melhorar a distribuição de renda no Brasil e também contornar o problema do desemprego, ainda não é muito elevado no Brasil, disse.

A longo prazo, porém, acha que a situação somente será integralmente resolvida se o País investir muito em educação básica formal e se fizer uma reforma agrária no Nordeste. De acordo com ele, as terras ocupadas com cana-de-açúcar para a produção de álcool, cuja demanda caiu acentuadamente, deveriam ser o alvo dessa reforma.

Jô Galazi